

Intervenções de salvamento na área a afectar pelo regolfo de Alqueva: antas da bacia do Degebe

■ ANA SOFIA ANTUNES ■ ARTUR MARTINS ■ JORGE VILHENA ■
■ LIDIA VÍRSEDA SANZ ■ SUSANA CORREIA ■

RESUMO Ao longo de 1999 e 2000 a Associação *Degebe* escavou diversos monumentos megalíticos e um povoado na zona da Amieira, concelho de Portel, escavações essas integradas no Projecto de Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico a submergir com a construção da barragem de Alqueva.

Neste trabalho, apresentado em 5 de Maio de 2000 no 2.º *Colóquio Internacional sobre Megalitismo de Reguengos de Monsaraz*, sintetizam-se os resultados das escavações realizadas em três desses monumentos megalíticos - Chão da Pereira, Torrejona 1 e Torrejona 2 e procede-se a um ensaio de avaliação do modo como poderão contribuir para o conhecimento da Pré-História Recente neste território.

ABSTRACT Between 1999 and 2000, the *Degebe* Association excavated a variety of megalithic monuments and a settlement in the zone of Amieira, in the municipality of Portel. These excavations were part of the Cultural Mitigation Project associated with the construction of the Alqueva Dam. This paper, presented at the Second *Colóquio Internacional sobre Megalitismo de Reguengos de Monsaraz*, synthesizes the results of excavations carried out at three of these megalithic monuments - Chão da Pereira, Torrejona 1 and Torrejona 2, and discusses how these sites contribute toward our understanding of the recent prehistory of this territory.

Introdução

No âmbito do Plano de Minimização dos Impactes sobre o Património Arqueológico provocados pela construção da barragem de Alqueva, a EDIA — empresa responsável pelo empreendimento de fins múltiplos de Alqueva — pôs a concurso diversos blocos de intervenções, seguindo critérios de repartição espacial e cronológica dos diversos sítios arqueológicos situados abaixo da cota de enchimento da barragem.

Na sequência desse concurso, à Associação *Degebe*¹, uma associação de valorização do Património Cultural com intervenção preferencial no Alentejo (até ao momento com projectos em curso nos concelhos de Reguengos de Monsaraz, Portel, Odemira e Ourique) foram atribuídos dois blocos de acções: um integrando sítios da Pré-História Recente entre a bacia da ribeira do Álamo e a bacia do Degebe e outro correspondendo às antas da bacia do Degebe.

Este último bloco tem, assim, por objectivo promover a escavação de diversos monumentos megalíticos que irão ser afectados pela construção da barragem de Alqueva - uns, ficando totalmente submersos; outros, situados na zona limite da cota de enchimento da barragem (152 m).

Compreendia este bloco a escavação dos seguintes monumentos megalíticos: Chão da Pereira, Marco Alto 1, Torrejona 1, Torrejona 2, Moncarxa e Balsinha. A estas antas veio a juntar-se o monumento megalítico de Marco Alto 3, descoberto durante trabalhos de prospecção na envolvente de Marco Alto 1.

A estratégia adoptada para a abordagem destes monumentos decorreu da natureza deste projecto, em que limitações de tempo e orçamento impediam, à partida, o seu estudo integral (convém não perder de vista o carácter de emergência das intervenções, embora se deva aqui destacar o papel pioneiro que, no contexto possível, a EDIA desempenhou na procura de soluções de salvaguarda de uma memória histórica que, com a barragem, se iria definitivamente perder, garantindo-lhe um lugar na história da Arqueologia em Portugal).

Assim, para cada um deles, definiram-se os seguintes objectivos:

- Escavação integral da câmara.
- Escavação integral do corredor.
- Escavação da mamoa - integral, sempre que possível, ou, caso a sua dimensão não o permitisse e/ou o monumento se situasse acima da cota 152, escavação de um ou mais quadrantes para determinação das técnicas construtivas da mesma.
- Prospecção da envolvente, com vista à eventual localização de novos sítios de carácter habitacional ou funerário passíveis de serem com estes correlacionados.

Tendo sido solicitada uma apresentação dos trabalhos efectuados pela Degebe relativos ao megalitismo no 2.º *Colóquio Internacional sobre Megalitismo de Reguengos de Monsaraz*, realizado de 3 a 7 de Maio de 2000, optámos por, nessa apresentação, fazer um primeiro balanço das intervenções em três monumentos — Chão da Pereira, Torrejona 1 e Torrejona 2 — que, embora ainda em curso de escavação, revelaram ser aqueles com maior potencial arqueológico, permitindo colocar questões relativas ao modo como o espaço em que se implantam foi objecto de apropriação pelas sociedades que ocuparam aquele território durante a Pré-História Recente.

Uma vez que esta primeira divulgação não é, nem poderia ser, a publicação definitiva destas três escavações, impuseram-se-nos algumas opções sobre os dados a apresentar. Assim, e tendo em mente o carácter de divulgação acima mencionado, procurar-se-á aqui, essencialmente, fornecer uma caracterização destes três monumentos com base nos dados da escavação (com particular incidência na sua tipologia construtiva e não nas particularidades decorrentes dos processos pós-deposicionais), referir brevemente o espólio mais significativo e reflectir de que modo os resultados destas escavações poderão contribuir para o aprofundar dos nossos conhecimentos sobre a Pré-História Recente da zona de Portel. O estudo e publicação definitiva dos resultados será efectuado no âmbito de um contrato a celebrar com a EDIA, posteriormente à conclusão dos trabalhos de campo.

■ Chão da Pereira

Direcção de escavação

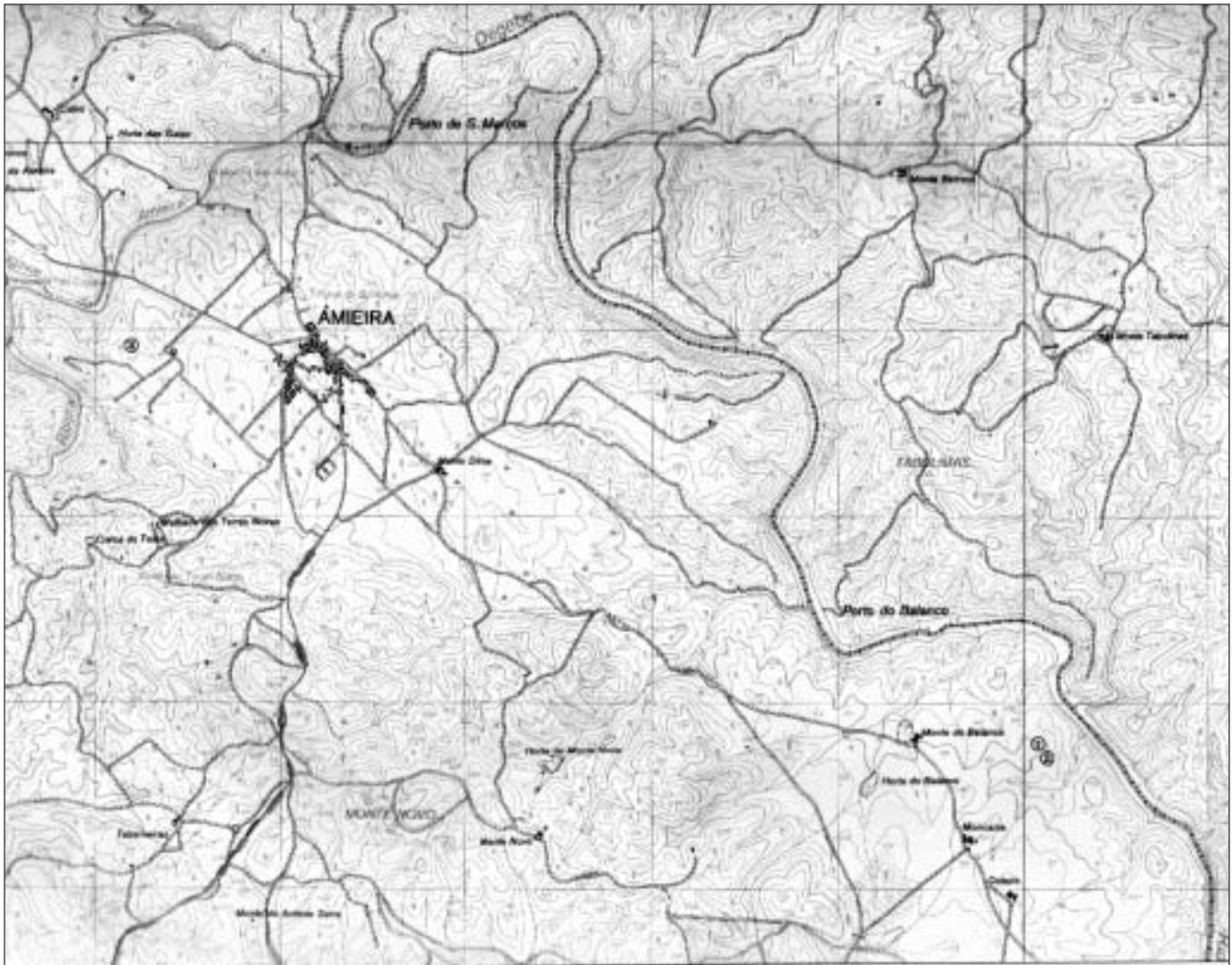
Jorge Humberto Vilhena

Localização administrativa

Distrito de Évora, concelho de Portel, freguesia de Amieira.

Implantação geográfica

O monumento situa-se num pequeno patamar, inclinado para Poente, na encosta de elevação sobre a margem direita da ribeira da Amieira, afluente do Degebe. Destaca-se cerca de 30 a 40 metros acima do largo vale da ribeira, sobre a margem escarpada desta, em posi-



- ① Anta 1 da Torrejona
- ② Anta 2 da Torrejona
- ③ Anta do Chão da Pereira

Localização da folha 486, da Carta Militar de Portugal, escala 1/25.000.

FIG. 1 – Localização dos monumentos de Chão da Pereira, Torrejona 1 e Torrejona 2.

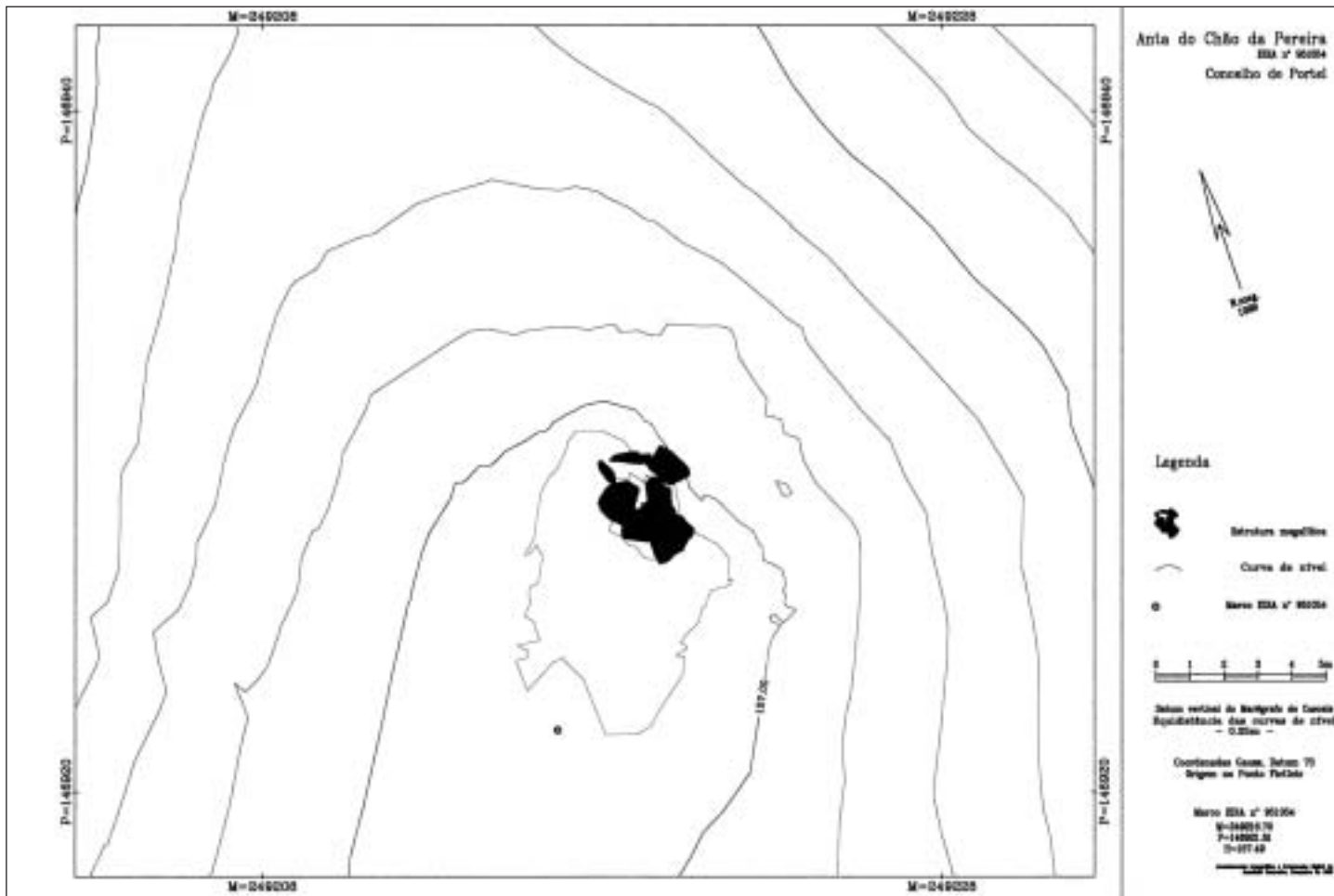


FIG. 2 – Chão da Pereira. Planta do monumento

ção de bom domínio visual para Poente. Do seu local de implantação podem observar-se a Anta do Monte das Antas, a Anta de Pernes (presentemente destruída) e o povoado calcolítico da Senhora da Giesteira.

Este monumento não será directamente afectado pelo regolfo de Alqueva, dada a sua altimetria, embora se localize no limiar (a cerca de 10 metros) da zona demarcada para este. A altimetria de 150 metros, referida pela EDIA, justificava, à altura, esta intervenção, e só veio a ser corrigida no decurso dos trabalhos de campo pela determinação da altimetria real do monumento.

Estado do monumento antes da intervenção

O monumento encontrava-se quase totalmente coberto por um moroiço decorrente dos trabalhos agrícolas efectuados na área. De entre o moroiço sobressaía um dos esteios da anta. Numa ligeira convexidade de terreno, que se deduziu constituir restos da sua mamoa, a cerca de 1 m do moroiço, encontrava-se uma estrutura composta por duas longas lajes de xisto azul, dispostas de forma paralela, com uma orientação aproximada Nascente-Poente. Esta estrutura vinha já referida na ficha identificativa da EDIA como um enterramento secundário (provável cista) sobre a mamoa. Fora do moroiço o terreno encontrava-se lavrado e essas lavras, repetidas anualmente, provocaram a “dissolução” da mamoa do monumento fora da zona do moroiço de pedras.

Na envolvência do monumento, assim como em toda a superfície da colina onde este se implanta, encontram-se materiais de tipologia do período romano, nomeadamente fragmentos cerâmicos de fabrico a torno, de pastas alaranjadas, *tegulae* e *imbrices*, escórias metálicas e alguma pedra aparelhada. Trata-se de uma ocupação desse período, que ocupa a crista da elevação e cujos materiais atingem, por arrasto, a zona do monumento megalítico.

Após a remoção do moroiço e limpeza superficial, ficou visível um núcleo da mamoa melhor conservado até 1,5 m em redor da câmara, atingindo uma altura em relação ao solo envolvente inferior a 0,5 m. Na zona onde presumivelmente se implantaria o corredor, imediatamente a Nascente da câmara, observava-se uma concavidade, resultante de profunda alteração no terreno (destruição, possível violação). A Sul desta, algumas pedras fincadas sugeriam a presença de esteios do corredor. A câmara apresentava-se bastante derruída, com sete esteios muito inclinados para o interior do monumento, apresentando-se um deles, com menores dimensões, consideravelmente deslocado. O esteio de cabeceira, caído para o interior da câmara, selava o seu interior. Posteriormente viria a obter-se a explicação para este número par — oito — de esteios da câmara: o esteio mais deslocado correspondia, na verdade, a um elemento posterior, colocado para “fechar” um enterramento da Idade do Bronze construído sobre o esteio de cabeceira depois da sua queda.

Intervenção 1999

Foi objectivo desta intervenção a escavação integral do monumento. Até ao presente procedeu-se à escavação da mamoa e estruturas nela implantadas, do corredor e da sepultura secundária sobre o esteio da câmara. Numa segunda fase escavar-se-á a câmara que, como dissemos, se encontra selada desde a construção da sepultura que se lhe sobrepõe.



FIG. 3 – Chão da Pereira. Vista geral.

Tumulus

A mamoa do monumento possui um raio máximo conservado de cerca de 3,5 m a partir dos esteios da câmara e teria uma planta ovalada, com o eixo maior alinhado a Nascente-Poente, sendo o seu limite externo mais afastado da câmara do lado do corredor (Nascente). Possui uma couraça pétrea que cobre a sua estrutura central, composta por um aglomerado de pedras de xisto e grauvaque de pequena e média dimensão, intercaladas por blocos de maior dimensão nos mesmos materiais e envolta por uma terra de cor castanha escura, argilosa e granulosa, compacta nos pontos em que não foi perturbada por raízes, com uma potência máxima de 10 cm. No seu meio e integrando a estrutura, surgem alguns fragmentos de elementos de mós manuais (dormentes) em granito. O limite da estrutura pétrea da mamoa, onde se conserva, é composto por um anel lítico de blocos em xisto rudemente boleados, de grande dimensão, afastado, em distância regular, 1,4/1,5 m dos esteios da câmara. Irregularidades na rocha de base ou no solo antigo onde este anel assenta foram colmatadas por blocos pétreos de maior dimensão, que extravasam a linha que este anel delimita. Esta couraça assenta sobre uma terra de cor castanha escura, compacta (antigo solo?). Exteriormente a este anel lítico de contenção da estrutura pétrea, a mamoa encontra-se construída unicamente em terra – na tentativa de detectar a sua delimitação no seu perímetro máximo, foi aberta uma vala de sondagem cujo limite se afasta 8 m da câmara; no entanto, não foi detectado nenhum elemento tafonómico para além da terra de cor castanha amarelada, solta, já encontrada no estrato superior da mamoa onde a couraça se conserva. Sob a mamoa, mas fora da estrutura pétrea, foi localizada e escavada uma bolsa de planta sub-circular aberta na rocha de base, preenchida por terra de cor escura, arenosa e pouco compacta, arqueologicamente estéril.

Implantadas na estrutura da mamoa e distando uma da outra 1,20 m, encontravam-se duas sepulturas construídas com lajes de xisto que, com o decorrer dos trabalhos, se demonstrou estarem relacionadas com a ocupação romana da envolvente.

Sepultura 1

Sepultura já visível antes do início dos trabalhos, fora referida pela EDIA como uma possível cista. Situada no limite da mamoa, possui planta sub-rectangular, sendo mais estreita no seu topo Nascente. Algumas pedras fincadas serviam de reforço, pelo exterior, às grandes lajes de xisto das paredes laterais. O fundo assenta na rocha de base, cuidadosamente talhada. Configurava um espaço interior com 1,74 m por 0,33/0,38 m (a Nascente) e 0,40/0,45 m (a Poente). Não se detectaram vestígios de tampa. Estava preenchida por uma terra de cor castanha amarelada, pouco compacta, com materiais que apontam para uma possível violação em época indeterminada (escória, fragmentos de *imbrices*). A orientação do eixo maior era de W/NW - E/SE.



FIG. 4 – Chão da Pereira. Sepultura I: vista geral

Sepultura 2

Sepultura detectada no decorrer dos trabalhos de escavação. De forma rectangular, é composta por lajes de xisto, uma das quais corresponde a um esteio do lado Sul do corredor do monumento megalítico, que é integrado nesta nova construção, ficando, assim, a sepultura adossada ao que seria o corredor do monumento, mas no seu exterior. Tem de dimensão interna 1,9 m x 0,5 m, configurando um rectângulo distorcido.

Implantada na zona da couraça pétreo da mamoa, destruiu-a parcialmente neste local. A sua junção com a estrutura preexistente foi rematada com diversas lajes de xisto de pequena dimensão, colocadas horizontalmente em murete ou fincadas. No topo Nascente, essas lajes formam uma pequena moldura rectangular em torno da sepultura, com 30 cm de largura. Na terra que preenche o seu interior surgem algumas lajes de xisto de média dimensão, correspondendo possivelmente aos restos da cobertura (que seria feita com várias lajes depositadas transversalmente ao seu eixo maior), hoje caídas para o interior. Contudo, os blocos ao centro da sepultura, pela sua maior espessura e por estarem sobrepostos (em número de três, desde o topo até ao fundo) parecem compartimentar o espaço interno em duas metades, sensivelmente iguais. O fundo da sepultura foi estruturado por um lajeado de xisto, situado 40 cm abaixo do ponto mais alto das lajes laterais. A orientação do eixo maior era de W/NW - E/SE.



FIG. 5 – Chão da Pereira. Sepultura 2: vista geral.

O fundo da sepultura foi estruturado por um lajeado de xisto, situado 40 cm abaixo do ponto mais alto das lajes laterais. A orientação do eixo maior era de W/NW - E/SE.

Corredor

Não é possível, dada a sua destruição, afirmar qual a configuração exacta do corredor e as suas dimensões, uma vez que só se conservava um dos esteios do lado Sul. A escavação revelou, porém, um talhe regular na rocha de base, preenchido por uma terra solta, castanha clara, com pequenas pedras de xisto e grauvaque, que foi interpretado como a fossa de implantação para um ou mais esteios do corredor, do lado Norte. A análise conjunta destes elementos aponta, assim, para um corredor longo (com mais de 3 m de comprimento), em planta trapezoidal alongada, mais largo na zona de acesso à câmara (1,5 m a 2 m) do que

no seu início (até 1,5 m) e aberto a Sueste. A zona que, ainda que sem sequência estratigráfica clara, poderia fazer parte do corredor conservado, apresentava uma terra compacta, argilosa, de grão fino e cor castanha avermelhada.

Câmara

Como foi acima referido, não se procedeu, ainda, à escavação dos níveis selados do interior da câmara deste monumento. Os resultados obtidos até ao momento permitem-nos, desde já, caracterizá-la como uma câmara de planta poligonal, com sete esteios. Não parece haver um alvéolo de implantação individual para cada esteio, mas sim um talhe na rocha de base de contorno exterior circular, paralelo ao contorno da câmara, preenchido por um enchimento denso de pedras de xisto e grauvaque de pequena e média dimensão, envolto por uma terra castanha avermelhada, barrenta e muito compacta. Sobre o topo desta fossa de implantação construiu-se um anel lítico composto por grandes lajes em xisto, dispostas longitudinalmente ou encostadas, quase na vertical, aos esteios, a reforçá-los. O espaço entre estas lajes é preenchido por pedras mais pequenas, ligadas por uma terra semelhante à da fossa de implantação. A parte inferior deste anel encontra-se, de resto, já dentro dessa fossa.

Sepultura secundária

Em momento posterior à primeira utilização deste monumento, o seu esteio de cabeceira tombou para o interior da câmara. Sobre ele foi, então, construída uma sepultura cistóide que, utilizando três esteios da câmara e um esteio “suplementar”, de menores dimensões, que fecha o enterramento do lado Poente (em aberto pela queda do esteio de cabeceira), configura uma “caixa” de planta irregular. Dois dos três esteios da câmara terão sido, no momento desta construção, intencionalmente quebrados, de modo a regularizar a cota do topo da estrutura, possibilitando a sua cobertura (não sendo necessário o mesmo procedimento para com o terceiro, dado o seu grau de inclinação). O esteio suplementar, de forma paralelepédica quase perfeita, foi fincado sobre o seu eixo maior, sem outros elementos de reforço à sua fixação. Esta estrutura encontrava-se selada por fragmentos de lajes de xisto delgadas, que corresponderiam aos restos de uma ou várias lajes de cobertura. O espaço interior disponível e o espólio encontrado (e respectiva localização) permitem-nos caracterizar o enterramento como uma inumação em posição fetal, com orien-



FIG. 6 – Chão da Pereira. Pormenor da escavação da sepultura secundária.

tação Norte-Sul (cabeça a Norte) e com deposição de objectos nos extremos Norte (vaso cerâmico) e Sul (vaso cerâmico e punhal metálico). A tipologia da sepultura, na falta de vestígios osteológicos concludentes, permite-nos supor que se tratará de uma inumação individual, característica de um contexto arqueológico da Idade do Bronze, o que é confirmado pela tipologia dos materiais recolhidos.

Espólio significativo

Tumulus – fragmentos de cerâmica manual.

Sepultura 1 – um fragmento de escória; fragmentos de cerâmica feita a torno e de *imbrices*.

Sepultura 2 – fragmentos de ossos humanos em mau estado de conservação (entre os quais um osso longo); fragmentos de cerâmica de roda, de pastas claras e depuradas; pequena taça cerâmica feita a torno, de pasta creme.

Corredor – fragmento de enxó e duas pequenas enxós (votivas?) em xisto.

Fossa de implantação dos esteios da câmara - um machado polido de secção oval.

Sepultura secundária – restos osteológicos humanos muito deteriorados (fragmentos de ossos e dentes - molares e caninos); fragmentos de cerâmica manual; dois vasos cerâmicos, um deles com *omphalus*; um punhal metálico.

■ Anta 1 da Torrejona

Direcção de escavação

Ana Sofia Antunes

Localização administrativa

Distrito de Évora, concelho de Portel, freguesia de Amieira

Implantação geográfica

O monumento situa-se no topo de um pequeno esporão na margem direita do rio Degebe e a cerca de 300 m deste, no final de uma zona de maior planura, em contraste com as elevações que dominam a Norte e a Este na margem oposta. O local possui um bom domínio visual da paisagem envolvente, sendo possível observar, a cerca de 117 m de distância para SE, a Anta 2 da Torrejona e, um pouco mais distante, o povoado calcolítico da Moncarxa (também designado por Outeiro). Não muito longe, a Sul deste povoado e já não visível desde Torrejona 1, situa-se a anta da Moncarxa, que será também intervencionada no âmbito destes trabalhos.

Estado do monumento antes da intervenção

A câmara apresentava cinco ortóstatos, todos em xisto, estando ausentes, *a priori*, dois esteios, um dos quais o de cabeceira. No interior encontrava-se caído um fragmento do chapéu. O corredor, orientado a ESE, possuía dois esteios de dimensões muito menores que as dos esteios da câmara, e duas “portas” na zona de junção com a câmara. A mamoa fora cortada por antigos trabalhos agrícolas realizados no local, tendo mesmo sido destruída na sua parte Oeste, que corresponde à zona de onde foram retirados os dois esteios em falta na câmara. A parte que se conservava em volta do monumento parecia, porém, encontrar-se em bom estado de conservação.

Intervenção 1999/2000

O facto de este monumento se encontrar acima da cota 152 (o que só se veio a detectar depois de efectuadas as altimetrias para o início da escavação) fez com que a intervenção na sua câmara tenha ficado programada para uma segunda fase, pelo que apenas será feita referência à intervenção no *tumulus* e no corredor.

No entanto, podemos referir, desde já, que a câmara possui uma planta poligonal com diâmetro máximo de 3,4 m, composta por sete esteios, todos em xisto, dos quais se encontram ainda cinco no monumento, estando em falta o esteio de cabeceira e o que se encostava a este na face Sul. A altura visível dos cinco esteios varia entre os 1,22 m e os 2,47 m e foram implantados em alvéolos escavados na rocha de base.

Parte do chapéu encontrava-se, como dissemos, caído no interior da câmara.

Tumulus

Construído directamente sobre a rocha de base, o *tumulus* seria constituído por, pelo menos, um anel lítico de contenção das terras da mamoa — que apresenta, actualmente, 4,25 m de raio — formado por blocos de xisto de média dimensão com reaproveitamento,

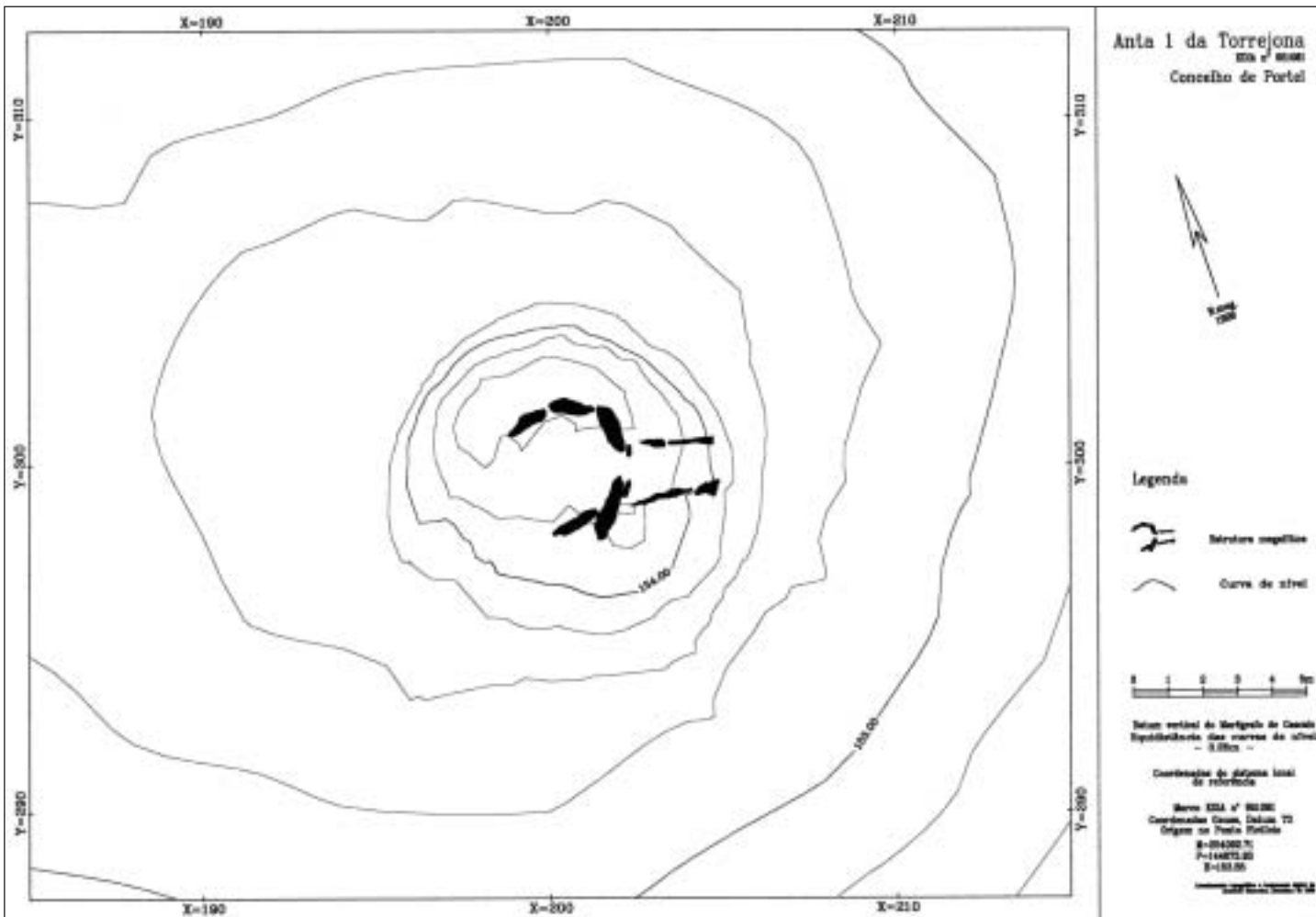


FIG. 7 – Anta I da Torrejona. Planta do monumento.



FIG. 8 – Anta I da Torrejona. Vista da estrutura sub-circular escavada na rocha, situada sob o *tumulus* do monumento.

nalguns casos, de fragmentos de dormentes de mós manuais. Para o seu enchimento foi utilizada terra avermelhada que incluía nódulos de argila queimada e fragmentos de xisto. Este *tumulus* encontrava-se muito alterado pelas lavouras mecânicas aí realizadas, que levaram ao desbaste de grande parte da sua área. Desconhece-se se existiria couraça lítica, uma vez que a mamoa se encontrava muito alterada.

Sob o *tumulus*, no lado Norte do monumento, foi detectada uma estrutura sub-circular com cerca de 3 m de diâmetro, escavada na rocha de base e cuja parede apresenta, na sua parte melhor conservada, 0,8 m de altura. No centro desta estrutura, sobre a rocha de base, encontra-se uma outra estrutura circular, mais pequena, composta por blocos de xisto de pequena e média dimensão e em cujo interior se recolheu um vaso cerâmico incompleto, estando também a ela associadas lascas de debitagem em quartzito e sílex. Desconhecemos a funcionalidade desta pequena estrutura, uma vez que não parece tratar-se de um buraco de poste ou de uma lareira, não tendo sido encontradas cinzas ou carvões no seu interior.

Igualmente desconhecemos a funcionalidade da estrutura maior; poderemos, contudo, colocar como hipótese tratar-se de um fundo de cabana ou de um espaço ritual, em qualquer dos casos anterior à construção do monumento.

Sob o *tumulus* foi ainda identificado outro tipo de estruturas, também escavadas na rocha de base, mas mais pequenas que aquela e que possuíam no seu interior alguns (poucos) carvões. Classificadas como estruturas de combustão, poderão estar relacionadas com outras estruturas semelhantes, encontradas no monumento n.º 2 das Torrejonas, e/ou com a estrutura circular atrás descrita.

Neste caso estaríamos, muito provavelmente, na presença de um povoado anterior à construção dos monumentos o que, face à sua localização, é perfeitamente plausível.

Corredor

Com três esteios *in situ* (um do lado norte e dois do lado sul), possui forma trapezoidal, sendo mais largo na zona de acesso à câmara do que no seu início. Tem de comprimento máximo 2,5 m e de largura máxima e mínima, respectivamente, 1,6 m e 1,1 m. A passagem do corredor para a câmara é marcada por dois esteios mais pequenos, colocados perpendicularmente àqueles, definindo uma passagem para a câmara e funcionando como travão, de forma a evitar que o peso das lajes de cobertura do corredor se venha a exercer sobre os esteios da câmara, provocando o seu desequilíbrio.

O corredor teve o seu piso regularizado através da deposição de terra e pequenas pedras. No fim da utilização do monumento, construiu-se uma provável “estrutura de condenação”, a qual ocupa todo o corredor e parece prolongar-se para o interior da câmara (que ainda não foi escavada). É composta por camadas sucessivas de blocos de xisto e terra, em deposição aparentemente ordenada.

Encostada ao segundo esteio do lado Sul, surgiu uma outra estrutura, cuja funcionalidade também é desconhecida, mas que nos faz pensar, pela sua forma sub-rectangular e pela sua arquitectura em blocos de xisto aparelhados, numa “sepultura secundária” que, contudo, sofreu o mesmo destino do corredor, uma vez que o seu interior se encontrava col-



FIG. 9 – Anta I da Torrejona. Vista do corredor com a provável estrutura de condenação; ao fundo, a câmara.



FIG. 10 – Anta I da Torrejona. Vista da hipotética “sepultura secundária” do corredor.

matado com o mesmo tipo de enchimento da “estrutura de condenação”. Não foram encontrados no seu interior vestígios osteológicos e o espólio aí recolhido, quatro machados de pedra polida e cerâmica muito fragmentada, relaciona-se mais com um tipo de enchimento a partir dos depósitos do corredor, do que com uma deposição intencional.

Espólio significativo:

Camadas superficiais – alguns fragmentos de cerâmica medieval e moderna; uma moeda de difícil leitura (por se não ter procedido ainda ao seu tratamento e limpeza), que aparenta ser um *dinheiro* do reinado de D. Afonso III.

Tumulus – produtos de debitage em quartzo e quartzito e alguns elementos de mós (dormentes).

Corredor – alguns fragmentos de cerâmica mamilada e de taças e pratos de bordo espessado; produtos de debitage em quartzo e quartzito; duas contas de colar discóides, uma em xisto e outra em “pedra verde”.

“Sepultura secundária” – quatro machados de pedra polida e alguns fragmentos cerâmicos informes.

Estrutura sub-circular escavada na rocha de base – fragmentos cerâmicos atípicos; um pequeno vaso cerâmico incompleto, sem decoração, de parede convexa e fundo aplanado; produtos de debitage em quartzo, quartzito e sílex.

Anta 2 da Torrejona

Direcção de escavação

Lidia Vírseda Sanz

Localização administrativa

Distrito de Évora, concelho de Portel, freguesia de Amieira

Implantação geográfica

O monumento situa-se na margem direita do rio Degebe, entre duas linhas de água, temporárias, que têm a sua origem na colina das Torrejonas. Encontra-se implantado numa plataforma aplanada, a cerca de 150 m do rio. O local possui um bom domínio visual da paisagem envolvente, sendo possível observar, a cerca de 117 m de distância para NW, a Anta 1 da Torrejona e, um pouco mais distante, como já referimos para a Torrejona 1, o povoado calcolítico do Outeiro ou Moncarxa e, já não visível, a anta da Moncarxa.

Estado do monumento antes da intervenção

A câmara conservava, em princípio, apenas três esteios *in situ*, dois dos quais fracturados. Os restantes quatro pareciam implantar-se em posições próximas das originais, exceptuando um, que se encontrava partido e deslocado para fora da área da câmara (a escavação veio a revelar parte dele ainda implantada no alvéolo respectivo). Conservava-se, também, a maior parte da laje de cobertura, descaída da sua posição original, o que poderá estar na origem da fractura e movimentação dos esteios da câmara que se encontram deslocados. Do corredor apenas se conservava um esteio. A mamoa apresentava-se bastante degradada, com um relevo pouco acentuado, facto que deve ter como causa os trabalhos agrícolas praticados no local em associação com a erosão natural do terreno.

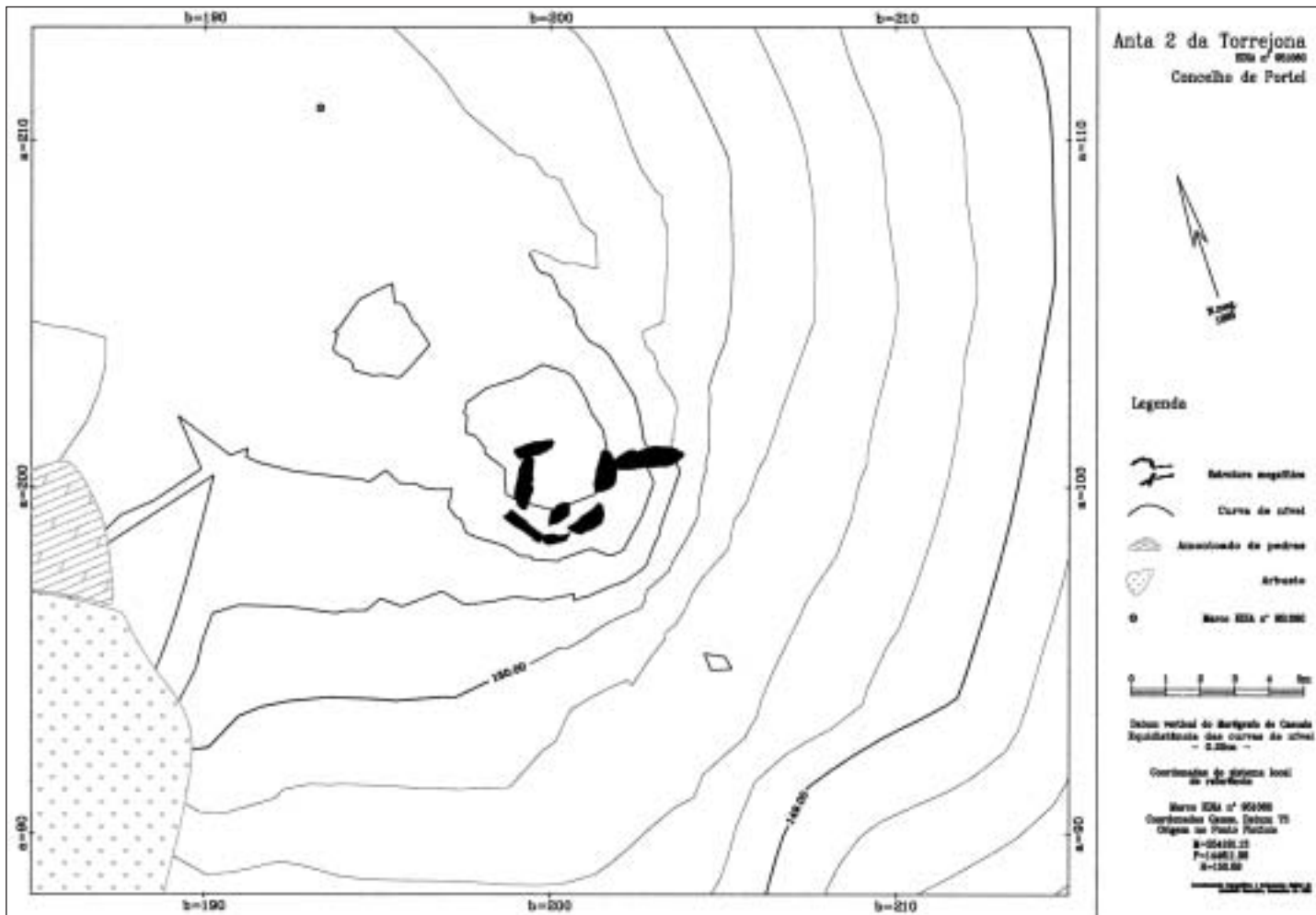


FIG. 11 – Anta 2 da Torrejona. Planta do monumento.

Intervenção 1999/2000

Devido à pequena dimensão do monumento procedeu-se à sua escavação integral.

Tumulus

Encontrava-se muito arrasado devido a uma forte erosão antrópica e natural. A primeira é bem visível através das marcas de arados detectadas na rocha de base, tendo os terrenos sido lavrados até muito próximo da câmara, podendo mesmo ter destruído o corredor.

Apesar de no perfil de maior potência do *tumulus* existirem quatro camadas diferentes, apenas uma delas pertence à origem da sua construção — trata-se de uma camada de terra avermelhada semelhante à que serviu de enchimento ao *tumulus* da Anta 1. Sobre ela encontrava-se uma fina camada de cinzas com cerca de 2 cm, que deverá corresponder a um incêndio generalizado na área, uma camada de terra castanha com pedras de pequena dimensão oriundas da rocha de base e a camada superficial com o coberto vegetal.

No sector NE do *tumulus* foram detectados restos de possíveis anéis pétreos para contenção das terras da mamoa. Contudo, estes anéis não se prolongam para outras áreas do monumento, pelo que se torna difícil deduzir o seu tipo de construção.



FIG. 12 – Anta 2 da Torrejona. Vista geral.



FIG. 13 – Anta 2 da Torrejona. Pormenor de uma das fossas localizadas no sector NW do *tumulus*.

Sob a camada de terra avermelhada do *tumulus* foram detectadas cinco fossas distribuídas pelos sectores NE e NO, de que desconhecemos a funcionalidade, mas que poderão estar relacionadas com outras estruturas semelhantes já mencionadas no monumento 1. Três delas, de formato ovalado, foram escavadas na rocha e encontravam-se preenchidas com pedras muito imbricadas. O único espólio aí recolhido resumia-se a nódulos de argila cozida. Uma outra, também de formato ovalado, apresentava uma camada de pedras imbricadas no fundo e possuía as paredes revestidas a argila cozida, tendo sido recolhidas, na camada superior do seu preenchimento, algumas lascas de debitage em quartzo, sílex e quartzito. A última apresentava uma forma circular e também possuía as paredes revestidas por argila cozida. No seu interior não foi encontrada nenhuma pedra, mas foi recolhido algum material lítico, nomeadamente um fragmento de lâmina de quartzo.

Corredor

Com 1,9 m de comprimento por 1,6 m de largura no momento em que se procedeu à escavação, possui apenas um esteio na sua face Norte. Uma laje tombada no sector SE poderá corresponder ao esteio oposto do lado Sul. A sua orientação seria OSO/ESE, desconhecendo-se o seu comprimento real.

Também aqui foram detectadas quatro camadas estratigráficas, das quais, para além da camada superficial, da camada de preenchimento castanha semelhante à referida para a câmara e de uma camada de terra amarelada localizada apenas em certos pontos circunscritos, se destaca uma camada mais homogénea com inclusão de lousas de xisto e que poderá corresponder aos restos de um “pavimento” que cobriria o chão do corredor.

Câmara

De forma poligonal, com um diâmetro interno de 2,4 m, era composta por sete esteios, dos quais um está em falta e encontrando-se *in situ* apenas três, que encostam à laje de cabeceira (um a Este e dois a Sul). Todos os esteios eram em xisto.

Os esteios existentes, não fracturados, possuem alturas de 2,23 m, 1,62 m, 1,72 m e 2,04 m. Existe, ainda, tombada no sector SE, grande parte da laje de cobertura, com cerca de 2,44 m de comprimento por 1,43 m de largura.

Foram aqui detectadas três camadas estratigráficas, uma superficial, uma segunda, castanha, de preenchimento (semelhante à detectada no corredor) e uma terceira que assenta directamente na rocha de base, muito mais compacta e que, face aos materiais aí encontrados (cerâmica a torno misturada com cerâmica pré-histórica desde o topo até à base), mostra bem o revolvimento existente nas camadas do interior da câmara.

Espólio significativo

Tumulus – material cerâmico praticamente ausente, sendo de assinalar um fragmento de *terra sigillata*; material lítico composto, na sua maioria, por lascas e núcleos de quartzito, ressaltando-se a recolha de dois fragmentos de mó manual em granito (movente e dormente), possível ponta de furador em sílex, fragmento de lâmina em sílex com retoque e fragmento de lâmina em quartzo hialino.

Corredor – material cerâmico muito escasso e atípico; algum material lítico, de que destacamos uma enxó.

Câmara – para além de cerâmica comum feita a torno, alguma cerâmica pré-histórica (muito pouca), de formas atípicas; total ausência de material lítico.

O povoamento pré-histórico da bacia do Degebe face às intervenções de 1999/2000 nas Antas da Amieira

Em 1987, Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva apresentavam, no seu artigo *Para o Conhecimento dos Povoados do Megalitismo de Reguengos* (Soares, 1992), uma primeira tentativa de articulação entre o “núcleo megalítico de Amieira” e dois povoados por eles atribuídos ao Calcolítico Pleno daquela micro-região — Sra. da Giesteira e Moncarxa. Esse artigo visava apresentar os resultados “das prospecções sistemáticas levadas a cabo pelos autores nas margens dos rios Degebe e Guadiana, no âmbito da sua participação no estudo de avaliação do impacte ambiental da barragem do Alqueva” (Soares, 1992), prospecções essas complementadas, em certos casos, com pequenas sondagens em alguns dos *habitats* localizados.

A ideia-chave desse trabalho era proceder à divulgação dos contextos habitacionais detectados, relacionando-os, simultaneamente, com o megalitismo da região. A cartografia dos sítios em análise possibilitou, ainda, a definição de duas grandes zonas, denominadas pelos autores “núcleos megalíticos de Reguengos/Mourão e de Amieira”.

O núcleo megalítico de Amieira, como o nome indica, situa-se na freguesia de Amieira, concelho de Portel, distrito de Évora e distribui-se ao longo do Degebe e ribeiras afluentes. Integra as “antas da Amieira”, articuláveis com o povoado da Senhora da Giesteira e a “necrópole megalítica da Torrejona e Moncarxa”, correlacionável com o povoado da Moncarxa.

Embora as “antas da Amieira” (denominação igualmente utilizada por Georg e Vera Leisner) não sejam discriminadas nesse artigo, as referências colhidas em três outras publicações (Lima, 1992; EDIA, 1996; Silva, 1999) permitem supor que se tratará dos monumentos seguintes: anta de Pernes ou do Calvário (destruída), anta do Monte das Antas ou da Cova da Preta e anta do Chão da Pereira — as três a menos de 30 minutos de percurso pedestre a partir da Senhora da Giesteira. A anta da Droa — a cerca de 60 minutos de percurso pedestre a partir desse povoado — poderá, eventualmente, pertencer também a este conjunto.

A necrópole de Torrejona e Moncarxa integra as antas de Torrejona 1 e 2 e a anta da Moncarxa, as três a menos de 30 minutos de percurso pedestre a partir do povoado da Moncarxa.

Nenhum destes monumentos fora, à data desse trabalho, objecto de escavação.

Relativamente aos povoados da Senhora da Giesteira e da Moncarxa, a análise dos dados provenientes da prospecção e de uma pequena sondagem efectuada neste último permitiram-lhes uma primeira caracterização, que sistematizámos da seguinte forma:

Povoado da Senhora da Giesteira

Trabalhos efectuados: Observações e recolhas de superfície.

Tipo: Povoado implantado numa elevação destacada na paisagem; possivelmente fortificado; encostas abruptas a Este e Oeste, caindo a pique sobre a ribeira da Amieira, na confluência desta com a ribeira do Cagavai. Óptimas condições naturais de defesa.

Cronologia: Calcolítico pleno correlacionável com as últimas fases de ocupação das antas da Amieira.

Altitude: 204 m.

Tipos de solo: na base da colina, nas margens das ribeiras, boas terras de cultivo.

Estruturas “defensivas”: afloram à superfície abundantes restos de construções, talvez de carácter defensivo, que parecem organizar-se em duas linhas de muralhas.

Materiais de construção: pedra; numerosos fragmentos de barro cozido com impressões de ramagens (cerâmica de revestimento).

Indicadores económicos: artefactos: elemento de mó manual; “crescentes”.

Actividades: moagem – tecelagem.

Materiais significativos: machado de secção rectangular; moinho manual; prato de bordo sem espessamento; prato de bordo espessado (abundante), por vezes com o lábio muito largo; taça de bordo espessado (espessamento em geral ténue); taça em calote (abundante) em duas variantes principais (baixa e larga e de lábio aplanado e hemisférica e de lábio convexo); esférico de lábio aplanado, ou convexo por vezes com ligeiro espessamento externo; um cabo de colher; abundantes “crescentes”, geralmente de secção circular (ocorrem, sendo raros, os achatados).

Povoado da Moncarxa (Soares, 1992) ou Outeiro (Lima, 1992)

Localização administrativa: freguesia de Amieira, concelho de Portel, distrito de Évora.

Trabalhos efectuados: observações e recolhas de superfície; sondagem na zona mais elevada (que não atingiu o substrato rochoso).

Tipo: povoado implantado numa elevação bem destacada na paisagem, com boas condições naturais de defesa; fortificado (?); encostas Oeste, Norte e Este muito inclinadas; limitado a Este pelo rio Degebe e a Norte e Sul por importantes linhas de água. Zona superior aplanada.

Cronologia: Calcolítico Pleno correlacionável com as últimas utilizações da necrópole da Torrejona e Moncarxa.

Área estimada: zona superior: cerca de 4000 m² (0,4 ha).

Altitude: 150-165 m.

Tipos de solo: junto do sopé, sobretudo a Oeste, bons terrenos de cultivo.

Estruturas “defensivas”: embora não sejam claramente identificadas no texto descritivo do povoado, existe a menção de que todos os locais referidos no artigo, com excepções que são indicadas (e nas quais se não inclui a Moncarxa) apresentam vestígios de construções de carácter defensivo.

Estruturas de função não especificada: construções formadas por muros de xisto e por superestruturas de ramagens revestidas por barro (defensivas ?).

Materiais de construção: pedra e barro cozido de revestimento com negativos de ramagens.

Fases de ocupação: um nível de ocupação.

Indicadores económicos: artefactos: resíduos de fundição de cobre; dormente de mó manual; peso de tear; “crescentes”.

Actividades: metalurgia – moagem – fabrico de artefactos de xisto jaspóide.

Materiais significativos: *sondagem (nível de ocupação)* – pontas de seta de base côncava e recta, possível punhal de xisto jaspóide, prato de bordo sem espessamento, prato de bordo espessado (almendrado), taça de bordo espessado (espessamento pouco acentuado), taça em calote, resíduos de fundição de cobre; *superfície e sondagem (níveis de derube)* – moinho manual, prato de bordo sem espessamento, prato de bordo espessado (incluindo variante de bordo almendrado), taça de bordo espessado, taça em calote (variantes taça baixa e larga e taça hemisférica), esférico, “pote”, “peso de tear” paralelepípedo, “crescentes” de secção ovalada e circular.

A partir dos dados obtidos em Reguengos/Mourão e Portel, Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva elaboraram a seguinte proposta de evolução do povoamento para esta região:

- *Alvores do megalitismo*

Estabelecendo paralelos com o alentejo litoral, do qual são conhecidos mais dados para este período, datam do Neolítico antigo evolucionado o surgimento de sepulturas proto-megalíticas, de pequenas dimensões e câmara fechada, integradas em *tumuli*, com escasso espólio funerário. Corresponderiam a comunidades pouco densas que praticariam uma agricultura itinerante, possuindo uma acentuada mobilidade e ocupando rapidamente extensas áreas devido à subexploração da terra, em resultado do carácter rudimentar das técnicas agrícolas. Os seus *habitats* seriam de curta duração e situar-se-iam em zonas planas, nas proximidades de linhas de água e sobre solos arenosos. O espólio neles recolhido é, por isso mesmo, escasso.

- *Fase média do megalitismo*

Aparecimento de sepulturas de corredor curto e câmara poligonal pouco regular, frequentemente alongada e relativamente baixa, melhor adaptadas aos rituais de inumação colectiva e exprimindo a consolidação da unidade familiar, o reforço das relações de parentesco e, sobretudo, o desenvolvimento do conceito de antepassado, que tende a confundir-se com o próprio monumento funerário e espaço circundante. Mais do que o *habitat*, que segue os padrões da fase anterior, mantendo-se pouco estável, são esses monumentos funerários que constituem as referências territoriais das comunidades.

- *Neolítico final/Calcolítico inicial*

Apogeu do megalitismo, traduzido na construção de grandes dólmens de câmara de planta poligonal tendendo para circular, com corredor alongado e baixo, em contraste com a grande altura da câmara. Alguns (embora raros) monumentos destacam-se pela sua monumentalidade. Ereção de menires e cromeleques. Nesta fase, os excedentes da produção continuam a ser investidos, prioritariamente, em manifestações funerário-religiosas. A análise das sepulturas traduz um aumento da densidade populacional e a sua construção visaria o reforço da coesão intra e inter-grupos, fundamental para o funcionamento de sistemas de cooperação e para o sucesso de uma economia agrícola mais desenvolvida.

Os povoados desta época implantam-se em amplas áreas pouco elevadas, de encostas suaves, dominando os campos férteis envolventes. O povoamento efectuar-se-ia, aí, de forma dispersa. O espólio recolhido é, já, abundante, e , a nível da cerâmica, morfológicamente variado.

- *Calcolítico*

Nesta fase serão já os povoados e não os monumentos funerários o coração do território e o seu polo organizador.

Correspondem a uma fragmentação da comunidade, patente na multiplicação do seu número e na utilização de territórios de exploração mais restritos, permitindo os avanços da tecnologia agrícola a prática de uma agricultura mais intensiva e de uma exploração mais rentável dos solos. Cada comunidade, já plenamente sedentarizada, identificar-se-ia com o seu povoado, para onde converge, agora, o esforço construtivo. O padrão de implantação altera-se, passando a verificar-se uma preferência por locais

elevados, com boas condições naturais de defesa, quase sempre em esporão com encostas muito inclinadas, e sendo as áreas de ocupação relativamente restritas em comparação com as das fases anteriores. Apresentam, quase todos, vestígios de construções de carácter defensivo. O espólio é, igualmente, abundante e diversificado.

As sepulturas megalíticas da fase anterior continuam a ser utilizadas, mas, quando se esgota a sua capacidade, constroem-se novas sepulturas colectivas, como as de falsa cúpula, que não exigem o investimento de esforços e energia das anteriores, sendo de relativamente fácil edificação. Os espólios funerários não indiciam, porém, uma ruptura com a fase anterior.

Até ao início das intervenções arqueológicas de salvamento integradas no Plano de Minimização de Impactes provocados pela barragem de Alqueva não se efectuaram outros trabalhos de investigação sobre a Pré-História recente desta freguesia do concelho de Portel, ou seja, o conhecimento que se possuía sobre esta zona não sofrera quaisquer modificações nestes últimos treze anos.

As escavações realizadas em 1999 e 2000 nos monumentos de Chão da Pereira, Torrejona 1 e Torrejona 2 vieram, assim, trazer novos dados sobre a Pré-História Recente da área, que se espera possam vir a ser complementados com a escavação das câmaras dos monumentos de Chão da Pereira e Torrejona 1 e, igualmente, com os dados provenientes das escavações entretanto efectuadas nos monumentos megalíticos de Marco Alto 1 e Marco Alto 3 e no povoado de Monte Musgos II, identificado em 1999 por João António Marques e em curso de escavação pela equipa da Degebe.

Os resultados obtidos não permitem, no entanto, ainda, a validação ou a rejeição do modelo proposto por Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva, mas possibilitam, desde já, questionar alguns aspectos e colocar novas questões:

De acordo com esse modelo, estaríamos, sob os monumentos de Torrejona 1 e 2 e, eventualmente, Chão da Pereira e Marco Alto 1, em presença de uma ocupação datável do Neolítico Médio ou Final (em locais que, pela sua implantação, não diferem muito dos publicados por J. Soares e C. T. Silva), não se encontrando, até ao momento, referenciados os monumentos funerários correspondentes.

Num momento posterior (Neolítico final/Calcolítico inicial) erguem-se, nesses mesmos locais, monumentos megalíticos de grandes dimensões — com câmaras poligonais e corredores longos, bem diferenciados das câmaras em alçado e em planta — em relação aos quais se desconhecem, de momento, os correspondentes contextos habitacionais.

Um desses monumentos será, ainda, reutilizado durante a Idade do Bronze, época para a qual se regista uma quase total ausência de dados no registo arqueológico da região.

Teríamos, assim, documentada uma fase do Neolítico médio ou final com contextos habitacionais, uma fase do Neolítico final/Calcolítico inicial com contextos funerários, uma fase do Calcolítico pleno com contextos habitacionais (e reutilização dos monumentos funerários da fase anterior?) e uma fase já da Idade do Bronze com um contexto funerário.

Do exposto resulta um registo arqueológico ainda demasiado fragmentário, a impossibilitar uma proposta para a evolução do povoamento desta zona durante a Pré-História recente.

No entanto, a análise dos modelos de povoamento avançados, quer por Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva (1992), quer, também, não especificamente para a Amieira, mas para uma região mais vasta que abarca o concelho de Portel, por Victor Gonçalves (1989), revela, a nosso ver, as insuficiências resultantes da escassez de elementos disponí-

veis no momento da sua elaboração, pelo que qualquer nova intervenção pode alterar significativamente as propostas apresentadas. Neste mesmo sentido aponta, por exemplo, a recente publicação dos resultados obtidos em outra escavação efectuada na área a afectar pelo regolfo de Alqueva (povoado do Moinho de Valadares 1, na margem esquerda do Guadiana), onde o autor destaca a diversidade das estratégias de implantação de sítios e questiona o investimento preferencial durante o Neolítico final/Calcolítico em contextos tumultuosos, com base nos dados obtidos em escavação (Valera, 2000). Acreditamos, por isso, que só o estudo continuado e aprofundado de contextos micro-regionais poderá contribuir para esbater a presente opacidade do registo arqueológico, evitando os perigos da generalização. É o que se espera, a breve trecho, conseguir, como dissemos, com a conclusão da investigação em Torrejona 1 e Chão da Pereira e com as intervenções em Marco Alto 1, Marco Alto 3 e Monte Musgos 11. Será, igualmente, fundamental a realização de prospecções mais finas em toda esta área antes do enchimento da barragem de Alqueva, para eventual detecção de novos sítios (que funcionarão como indicadores de povoamento, mesmo que se venha a revelar impossível a sua escavação); a realização de prospecção geofísica na área envolvente das Torrejonas 1 e 2 (para tentar determinar a extensão do povoamento no local); finalmente, a escavação em área dos povoados da Senhora da Giesteira e da Moncarxa. Não excluimos, à partida, por exemplo, a possibilidade destes sítios virem a revelar níveis anteriores ao Calcolítico pleno ou de, na Senhora da Giesteira, ser identificada uma diacronia de ocupação que se prolongue até à Idade do Bronze, facto de modo nenhum incomum em povoados calcolíticos.

Em trabalhos anteriores (Correia, 1996, 2000), centrados no concelho de Cuba mas analisando a realidade envolvente, da qual faz parte integrante o concelho de Portel, um dos signatários efectuara, já, uma análise dos modelos explicativos da calcolitização no Sul de Portugal, apontando-lhes diversas lacunas, originárias, largamente, na escassez de dados do registo arqueológico e na ausência, como dissemos, de estudos aprofundados sobre micro-regiões.

Creemos que os elementos que possuímos no presente não permitem, por agora, avançar com qualquer modelo explicativo para a Pré-História recente da região da Amieira, nem no que respeita à caracterização dos contextos habitacionais nem no que se reporta aos monumentos funerários. Pensamos, no entanto, que nos encontramos em presença de um conjunto de sítios diversificados, localizados num espaço restrito, com potencialidades suficientes para um estudo mais detalhado que passará, necessariamente, pelo prosseguimento das escavações, de modo a obter dados que venham a possibilitar uma tentativa de reconstituição desse processo evolutivo.

É impossível, de momento, caracterizar com precisão o momento de construção quer dos dólmenes, quer dos povoados, como impossível é, também, determinar a evolução interna de cada um, factores que, a nosso ver, inviabilizam, como dissemos, a apresentação de qualquer modelo explicativo. Nesse sentido se deverá orientar, prioritariamente, qualquer futura investigação, sob pena de se continuar a teorizar sobre um quase vazio.

Os dados que possuímos sobre estes sítios e uma análise das suas características e implantações permitem, apenas, de momento, o tirar de algumas conclusões e o avançar de algumas hipóteses:

- Constata-se, em primeiro lugar, uma densidade de ocupação pré-histórica ao longo do rio Degebe e afluentes, com um conjunto de sítios que parecem apontar, pela sua localização, para um aproveitamento de recursos diversificados e complementares.

- Foi possível, até ao momento, identificar três núcleos de sítios: os de Amieira e Torrejonas/Moncarxa, já referidos por Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva e o núcleo de Marco Alto/Musgos, este na margem esquerda do Degebe, integrando os seguintes locais:
- Amieira – Povoado da Senhora da Giesteira, antas do Monte das Antas (ou Cova da Preta), Pernes (ou Calvário) e Chão da Pereira (e eventualmente, Droa, embora esta última se localize, já, a uma maior distância, que levou, por agora, a excluí-la do conjunto).
- Torrejonas/Moncarxa – Povoados da Moncarxa (Outeiro) e das Torrejonas e antas da Torrejona 1, Torrejona 2 e Moncarxa.
- Marco Alto/Musgos – Povoado de Monte Musgos 11 e antas de Marco Alto 1, 3 e, eventualmente, 2.

Quanto a este último grupo, que criámos como hipótese de trabalho, colocam-se-nos algumas reservas, uma vez que não é tão marcada uma relação de proximidade entre Monte Musgos 11 e, por um lado, Marco Alto 1 e 3 (situados, em linha recta, a cerca de 1,6 km para NE) e, por outro, Marco Alto 2 (idênticamente, a cerca de 1,9 km para E), dada a circunstância de toda essa zona ser bastante acidentada, com o conseqüente acréscimo de dificuldades à deslocação.

A análise da localização e das dimensões relativas dos monumentos megalíticos de cada conjunto permitem-nos avançar a hipótese da existência de necrópoles organizadas em torno de um monumento “central”, de maior dimensão e com uma implantação topográfica dominante, nem sempre na paisagem, mas em relação aos restantes monumentos — para os três núcleos, respectivamente, Monte das Antas, Torrejona 1 e Marco Alto 3. Nos dois primeiros casos, os monumentos ocupam uma posição relativamente destacada na paisagem; no caso de Marco Alto, a necrópole implanta-se num pequeno cabeço que se dilui na paisagem envolvente, bastante acidentada e com diversas elevações de cotas claramente superiores, pelo que mesmo o seu monumento central passa, na actualidade, praticamente despercebido, apesar do seu grande tamanho (este monumento encontrava-se, aliás, inédito, não tendo sido localizado na fase prévia de prospecção efectuada pela EDIA).

Outra questão interessante a aprofundar de futuro é a da eventual necropolização de espaços habitacionais como forma de assegurar a marcação de territórios, num momento em que se assiste a uma deslocação dos *habitats* (para zonas elevadas?) por uma mudança de estratégia de povoamento que se terá produzido no Neolítico final/Calcolítico inicial ou já no Calcolítico pleno. Embora com todas as cautelas que advêm das reservas já colocadas sobre as interpretações baseadas em dados escassos, esta será, sem dúvida, uma hipótese a testar. Se falamos já do povoado das Torrejonas, porque nos parece claro que as diversas estruturas identificadas sob as mamoadas compõem um conjunto suficiente para caracterizar o sítio como um espaço de *habitat* em época anterior à edificação desses monumentos, não queremos deixar de referir, a título indicativo, que duas fossas semelhantes foram, igualmente, localizadas sob as mamoadas de Chão da Pereira e de Marco Alto 1. Estamos, agora, convencidos de que vestígios afins poderão começar a ser encontrados noutros locais se a estratégia de abordagem dos mesmos fôr, de futuro, alterada, ou seja, se se passar a optar pela escavação integral das mamoadas dos monumentos megalíticos.

É, ainda, de salientar, num caso (Chão da Pereira), a descoberta de um machado de pedra polida na fossa de implantação dos esteios da câmara e, nos três sítios, a integração de elementos de mós manuais nas estruturas pétreas dos *tumuli*.

Podemos conceber, para estes casos, uma outra tentativa de explicação — a da construção dos monumentos megalíticos num momento em que, após uma fase de abandono, se perdera já a memória da ocupação desses locais, pelo que se trataria de dois registos independentes. No entanto essa hipótese parece-nos, *a priori*, menos plausível.

Estas observações levam-nos, porém, desde já, a confrontar o modelo explicativo de Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva pelo menos num ponto — sendo certo que se verifica uma mudança na forma de apropriação deste espaço, sejam quais forem as razões que a motivaram, onde se situavam, então, os *habitats* dos construtores destes conjuntos funerários?

Teremos que admitir uma de duas hipóteses — ou eles não foram ainda localizados, pelo seu carácter efémero, ou os povoados já referenciados, situados em locais elevados sobranceiros aos monumentos, corresponderão, nas suas primeiras fases de ocupação, à construção destes dólmenes.

Três outras questões terão, também, que ficar, nesta fase, em aberto:

A primeira diz respeito aos contextos funerários correspondentes a estas primeiras manchas de povoamento agora identificadas, sobre os quais não possuímos quaisquer dados, nem sequer resultantes de prospecção.

A segunda reporta-se aos contextos funerários da fase plenamente calcolítica da Senhora da Giesteira e Moncarxa. Corresponderão eles, unicamente, à continuação da utilização dos monumentos megalíticos referenciados na envolvente?

A terceira prende-se com a transição Calcólítico/Bronze na região. Havendo, como dissemos, um total vazio de elementos sobre a Idade do Bronze na área que abordamos (com excepção do enterramento secundário agora escavado em Chão da Pereira), só nos resta esperar que novas prospecções e, sobretudo, a escavação da Senhora da Giesteira possam trazer elementos que supram a actual lacuna de informação.

A elucidação destas questões terá que passar, como vimos dizendo desde o início, por um estudo mais desenvolvido da área em presença, com um programa de escavações sistemáticas quer dos povoados quer dos monumentos megalíticos, de modo a obter-se uma melhor caracterização dos sítios e a recuperarem-se elementos que permitam a determinação, entre outras coisas, de conjuntos artefactuais e de datações absolutas que venham trazer novos dados à investigação sobre esta região antes que as águas de Alqueva, na sua subida inexorável, introduzam um novo factor de impenetrabilidade no já tão frágil registo arqueológico sobre o qual nos debruçamos.

NOTA

¹ DEGEBE - Associação de Valorização do Património Cultural • Rua Dr. Manuel Arriaga, 30 • 7800 - 178 Beja

BIBLIOGRAPHIE

-
- ANTUNES, A. S. (2000) - *Anta 1 da Torrejona - relatório 1999*, Relatório fotocopiado
- CORREIA, S. (1996) - *Calcólítico do Sul de Portugal - Estudo de um caso: o concelho de Cuba*. Porto. Universidade (Dissertação de Mestrado fotocopiada).
- CORREIA, S. (2000) - Investigação em Pré-História Recente no concelho de Cuba. Balanço dos resultados e perspectivas futuras. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 40:1-2.
- EDIA (1996) - *Património Arqueológico no Regolfo de Alqueva. Quadro Geral de Referência*, Beja, Relatório fotocopiado.
- GONÇALVES, V. (1989) - *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental - uma aproximação integrada*. Lisboa: UNIARQ.

- LEISNER, G., LEISNER, V. (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.
- LIMA, P. (1992) - *Património de Portel - Recenseamento preliminar (áreas rurais)*, I, Portel: Câmara Municipal, I.
- MARQUES, J. A., XAVIER, P., REIS, M. P. (1999) - *Relatório de Trabalhos Arqueológicos em Monte Musgos 3*, Relatório fotocopiado.
- SILVA, A. C. (1999) - Salvamento Arqueológico no Guadiana. In *Memórias d'Odiana/Estudos Arqueológicos do Alqueva*. Beja: EDIA, 1.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (1992) - Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos, *Setúbal Arqueológica*, Setúbal. 9-10, p. 37-88.
- VALERA, A. C. (2000) - Moinho de Valadares 1 e a transição Neolítico Final/Calcolítico na margem esquerda do Guadiana: uma análise preliminar. *Era Arqueologia*. Lisboa 1, p. 34-37.
- VILHENA, J. H. (2000) - *Chão da Pereira - relatório 1999*, Relatório fotocopiado.
- VÍRSEDA SANZ, L. (2000) - *Anta 2 da Torrejona - relatório 1999*, Relatório fotocopiado.